

A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL E A PRÁTICA PSICODRAMÁTICA

Leonídia Guimarães – Psicóloga psicodramatista

Em cada minuto, uma escolha,
Em cada escolha, um resultado,
Em cada resultado, uma experiência
Experimentar é viver.
No emaranhado das sensações, o
Reconhecimento do poder de criar
Nossas próprias vivências, nos limites
Das leis da vida.
Para uns é um jogo, para outros é
Carregar a espada da luta no fio do destino.
Zíbia M. Gasparetto

BREVE HISTÓRICO DE HUSSERL

Edmund Husserl, descendente de família judaica, nascido no antigo Império austro-húngaro, hoje Checoslováquia, em 08 de abril de 1859, realizou seus estudos secundários em Osmutz, interessando-se particularmente pela Matemática e as Ciências Naturais. Em 1876, começou a frequentar a Universidade de Leipzig, com a intenção de dedicar-se ao estudo da astronomia, transferindo-se a seguir para a Universidade de Berlim, onde estudou Matemática. Em 1881 transferiu-se para Viena e concluiu aí os seus estudos. Sua preocupação de fundamentar a Matemática levou-o a aprofundar-se na Filosofia(1884-1886). Passou então a desenvolver vários estudos sobre a lógica e a filosofia, os quais, lhe levaram à uma ruptura com a lógica formal. A partir daí, desenvolveu a sua fenomenologia, deixando Heidegger com a sua cadeira de Filosofia (1928). Tinha como finalidade estabelecer um fundamento capaz de elevar a Filosofia à categoria de ciência, no sentido rigoroso, preocupando-se principalmente com “a miséria intelectual em que se encontrava a filosofia da sua época”, dado à grande diversidade de opiniões.

NOÇÃO GERAL DE FENOMENOLOGIA

A palavra fenômeno (aquilo que aparece) foi usada na filosofia desde Platão e Aristóteles, adquirindo no decorrer do tempo um sentido cada vez mais subjetivo. Em Husserl, desliga-se completamente da relação a qualquer objeto exterior à consciência, referindo-se ao puro objeto imanente enquanto aparece na consciência.

A palavra fenomenologia foi usada inicialmente por Lambert, em 1764, assumindo o significado de “doutrina da aparência” . Posteriormente foi usada por Kant e sobretudo por Hegel, mas sempre num sentido diferente daquele que lhe deu Husserl.

Em sentido corrente, a palavra fenomenologia, derivada de logos (razão, descrição), é usada para descrever ou dar uma razão íntima ao fenômeno. Mas, recebe a partir de Husserl um significado particular : “ a fenomenologia é também e principalmente um método filosófico e uma atitude especificamente filosófica” .

Baseando-se nesta noção de fenomenologia Husserl elabora um método de depuração rigorosa (Epoché), de tudo o que não oferece garantia suficiente de uma Evidência Apodíctica (intuição pura, sensível, intelectual e universal) . Toma como objeto o fenômeno puro (consciência inter-subjetiva) acerca do qual não poderá haver nenhuma dúvida. Seu método de evidenciação é um método descritivo, que explora a intuição pura na presença do objeto, e rigorosamente analítico, buscando averiguar tudo o que se pode incluir como experiência transcendental.

METODOLOGIA

O método fenomenológico de Husserl, como já foi dito, consiste em fazer reduções das partes questionáveis ou sujeitas a deduções e contradições. Desenvolve-se gradualmente, submetendo-se a várias epochés : 1) redução do objeto à consciência; 2) redução psicológica do objeto; e 3) redução transcendental do objeto.

REDUÇÃO DO OBJETO À CONSCIÊNCIA

Para chegar à redução do objeto a consciência, Husserl interpõe várias reduções fenomenológicas (epochés), partindo do princípio de que mais evidente do que a existência do objeto é a consciência deste objeto. Esta evidência deve partir de uma Evidência Apodíctica. Dessa forma, tudo o que não oferecer garantia absoluta de uma evidência é posto “entre parênteses”.

Exemplo : A atitude natural espontânea acerca do mundo exterior é que ele existe. Mas, nem sempre as coisas externas são apreendidas de forma adequada. Depende das suas aparências e perspectivas. Esta é portanto uma questão relativa que pode levar a erros. Husserl busca então alguma coisa mais evidente do que o objeto exterior : a consciência inter-subjetiva, a qual impõe-se apodíctamente, mesmo que tal objeto não exista. Põe “entre parênteses” as coisas existentes exteriormente. Com isso não pretende duvidar de nada, reduz o objeto à consciência para assim começar por aquilo que é insofismável (a evidência apodíctica). Dessa forma, nada se perde, permanecendo a tese do mundo como é, a qual é colocada, por um momento, fora de ação.

Temos assim de um lado a realidade transcendente, que corresponde às coisas enquanto existentes fora, ou para além da consciência e, de outro lado a realidade transcendental, que se aplica às coisas enquanto reduzidas à consciência. Ambos os mundos são reais, porque nenhum deles é ilusório, porém, o primeiro é real num sentido natural e meramente prático, coisa que não interessa ao filósofo. O segundo é real num sentido primordial e apodíctico.

REDUÇÃO PSICOLÓGICA DO OBJETO

Através da redução psicológica do objeto, “suspendemos” o juízo relativo à existência de tudo o que é exterior ao sujeito : coisas, pessoas, seres materiais e imateriais, sem excluir o próprio Deus. Considera-se apenas o próprio sujeito cognoscente com seus atos conscientes. Aqui também chegara Descartes, que praticando a “dúvida metódica” atingiu o “ego cogito”. Husserl prosseguiu o seu método até chegar à redução transcendental.

REDUÇÃO TRANSCENDENTAL DO OBJETO

Durante a redução psicológica ainda não se põe “entre parênteses” a existência natural ou mundana do eu, nem os seus atos ou vivências (Erlebnis), os quais conservam um caráter psicológico. Através da redução transcendental, Husserl pretende atingir a consciência transcendental, chamada de consciência pura, pondo “entre parênteses” a existência psicológica.

Assim, a fenomenologia de Husserl põe “fora de circuito” a realidade da natureza, até mesmo a realidade do céu e da terra, dos homens e dos animais, do próprio eu e do eu alheio. Mas retém o sentido de tudo isso. É este o eu puro que pode apreender, sem perigo de erro, tudo o que se lhe apresentar

como fenômeno da consciência. Foi dessa forma que Husserl disse haver chegado a um idealismo transcendental fenomenológico. Esse idealismo mantém-se contudo, apenas na atitude transcendental. Na atitude natural a realidade é concebida como existente em si mesmo, independente da consciência. O mundo não é uma ilusão subjetiva, mas uma realidade natural, aspecto que coincide com o “objeto intencional” da fenomenologia .

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA

O “A PRIORI” (EPOCHÉ)

Temos de proceder com plena ausência de pressupostos e com inteira liberdade , “reduzindo” (epoché) todas as influências de opiniões científicas ou filosóficas, para podermos nos orientar exclusivamente pelas coisas em si, aprioristicamente, admitindo-se que “Não é das filosofias que deve partir o impulso da investigação, mas sim das coisas e dos problemas”(Husserl) .

A EVIDÊNCIA

O fundamento radical tem de ser evidente por si mesmo, os fatos devem excluir as dúvidas de modo absoluto e imediato (evidência apodíctica), tal como um reflexo, uma auto-reflexão, plenamente esclarecedora do sentido da coisa (Sinn). Esta noção de evidência esta relacionada ao conceito de intuição . A intuição enquanto uma evidência apodíctica é : - uma intuição sensível (evidência de sentimento)

- uma intuição intelectual (Imagem), aquilo que pode afirmar o conteúdo
- uma intuição eidética (Perceptiva), evidência de conceitos universais, essências e “eidos” que podem ser apreendidos de imediato através da presença do objeto e na sua corporiedade, ou de modo indireto, através de uma recordação ou Imagem. No caso da Imagem, temos uma intuição originária, também chamada de percepção, no sentido estrito (wahrnehmung).

Dessa forma, a evidência apodíctica, que inclui todas as formas de intuição, exclui a possibilidade do contraditório daquilo que se tem evidência.

A INTENCIONALIDADE

A intencionalidade parte do eu e invade temporariamente os dados materiais, unificando-os em ordem à constituição e designação do objeto enquanto consciente e significado. Informando os dados materiais, dá origem à compreensão subjetiva, que é o elemento real da vivência, chamado de “Nóesis” . A nóesis é projetada ao objeto, originando a vivência objetivamente orientada, que Husserl chama de “Noema” . O noema é o elemento irracional ou intencional da vivência (aquilo que foi colocado “entre parêntesis”) . Esse elemento irreal encontra o sentido do objeto intencional ou o sentido objetivo e, por isso, transcende a vivência para um pólo oposto ao eu puro. Porém, essa transcendência efetua-se na imanência. O objeto intencional difere pois do objeto real, existente em si mesmo, exterior à consciência. Foi dessa forma que Husserl chegou a um idealismo transcendental fenomenológico, admitido por poucos, onde por exemplo, o sentimento existe enquanto qualidade (amor, por exemplo), independentemente da vivência e de que realmente haja um objeto intencional (alguém, um outro) .

Vimos então que o conceito de intencionalidade de Husserl, não trata a intencionalidade como uma qualidade subjetiva dependente de um objeto externo (ex.: quem ama, ama a alguém) . Isto contrapõe-se a Sartre, que considera sempre o fenômeno como histórico e enquanto uma evidência da relação sujeito-objeto.

A LÓGICA DA CONTRADIÇÃO

Husserl chama a atenção para o ato e a conteúdo do ato. Enquanto a Psicologia Experimental diz que não pode haver um conteúdo do ato , sem o ato, ele argumenta que isso não implica que as leis reguladoras do ato e do conteúdo sejam as mesmas; se assim fosse, teríamos que reger os conteúdos pelas leis que regulam os atos. Neste caso, a verdade que se refere ao conteúdo ficaria dependente do processo psicológico que se refere ao ato, levando-nos a um puro subjetivismo e relativismo da verdade. Considerando que a verdade é objetiva e absoluta, Husserl vê aí um contradição lógica. Afirma então que o que se dá é justamente o contrário : é o ato que depende das leis do conteúdo, para estar em conformidade com a matemática.

É nesse ponto que Husserl rompe com a lógica formal e parte para o estudo do fenômeno puro, formulando a lógica da contradição ou a lógica da verdade, mais profunda e radical, no domínio da qual se manifesta o impulso reflexo de evidenciação.

A INTERSUBJETIVIDADE

Quando a objetividade se fundamenta pela relação a um objeto exterior, basta provar esta imposição como necessária, para garantir sua validade. Mas se o objeto é considerado como meramente significado, o único modo absolutamente válido de garantir o seu caráter de existência é esclarecer que o conhecimento dele não é meramente subjetivo

(em única direção), mas intersubjetivo (em direção dupla). Dessa forma fica afastada a idéia de anomalia individual.

Segundo Husserl, é graças a uma espécie de intropatia (Einfühlung) que se constitui a consciência transcendental, e outros eus como sujeitos cognoscentes, idênticos a mim mesmo. O objeto intencional constituído de intersubjetividade (em dupla direção) é para Husserl o fenômeno no seu pleno grau de evidência..

CORRELAÇÕES ENCONTRADAS COM O PSICODRAMA

Ao término do nosso estudo e de acordo com tudo o que foi visto a respeito das principais correntes filosóficas que, direta ou indiretamente, poderiam ter influenciado o pensamento de Moreno, ao criar o método psicodramático e seu arcabouço teórico, chegamos à conclusão de que, embora existam de fato, várias correlações entre a fenomenologia de Husserl e a prática psicodramática, como é o caso das relações entre :

- 1) O conceito de Intersubjetividade e os conceitos de Tele e Encontro;
- 2) A lógica da Contradição e a proposta do “faz de conta” da dramatização, em busca da verdade;
- 3) O conceito de Intencionalidade e o valor dado à vivência no Psicodrama;
- 4) O conceito de Evidência Apodíctica e a isenção à interpretação, a busca de uma compreensão vivencial psicodramática, a estimulação à intuição sensível do paciente e o respeito à sua verdade; incluindo também aqui o método de Construção de Imagens, introduzido por Rojas-Bermúdez; e
- 5) O “a priori” e a entrada em cena com textos espontâneos, improvisados no palco pelo paciente, a apelação à criatividade também do terapeuta, que deve isentar-se de qualquer juízo anterior

para ir em busca da Cena esclarecedora, aceitando e fazendo atuar a fantasia do paciente;

Não podemos deixar de perceber que Moreno, ao criar e desenvolver o Psicodrama, partiu sempre de uma perspectiva própria, singular e específica, utilizando-se plenamente da sua liberdade, espontaneidade e criatividade, dando a todos os seus conceitos e métodos um sentido particular (Sinn) representante da sua verdade .

Sabemos que Moreno vê o indivíduo como parte integrante do Universo, propondo-lhe uma análise existencial e fenomenológica da sua existência, sem estabelecer limites entre a vida e a morte, entre o eu e os papéis ou entre a fantasia e a realidade. Cria um novo conceito de papel, que provém da catarse total oriunda do ato de nascer e libertar-se, vendo o indivíduo como síntese de uma “integração sintética de todos os elementos” presentes nas múltiplas inter-relações implícitas entre o eu e os outros.

Essa sua visão cósmica , profundamente existencial e fenomenológica do ser humano, poderiam talvez levá-lo ao esoterismo e à psicologia transpessoal, contudo, o seu percurso científico começa na adoção do teatro terapêutico espontâneo e prossegue em direção ao exercício de uma função social através da ação. Chega dessa forma, ao Sociodrama e à Psicoterapia de Grupo, utilizando-se de outras formas de pensar a realidade e o fenômeno existencial.

BIBLIOGRAFIA

1. FONSECA FILHO,S.J.-PSICODRAMA DA LOUCURA,ED.ÁGORA,S.P.,1980
2. FROMM,ERICK – CONCEITO MARXISTA DO HOMEM,ZAHAR ED. R.J.-1979
3. FRAGATA, J. S. – PROBLEMAS DA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL, BRAGA LIVRARIA CRUZ, 1962
4. LUIJPEN. W. – INTRODUÇÃO À FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL, EPU EDITORA PEDAGÓGICA E UNIVERSITÁRIA LTDA, S.P.,1973
5. MORENO,J.L. – FUNDAMENTOS DO PSICODRAMA,EDITORIAL SUMMUS,S.P.,1983
6. MORENO,J.L. – PSICOTERAPIA DE GRUPO E PSICODRAMA, ED. MESTRE JOU,S.P.,1974
7. MORENO,J.L. – PSICODRAMA, ED. CULTRIX, S. P. , 1974
8. MORENO,J.L. – O TEATRO DA ESPONTANEIDADE, ED. SUMMUS,S.P. , 1984
9. MORENA, ZERCA – PSICODRAMA DE CRIANÇAS, ED. VOZES,R. J. 1975
10. RANSON GILES,T. – HISTÓRIA DO EXISTENCIALISMO E DA FENOMENOLOGIA, EPU EDITORA PEDAGÓGICA UNIVERSITÁRIA, S.P., 1973

11. ROJAS-BERMÚDEZ, J. G. – QUE É EL SICODRAMA, ED. CELCIUS, BUENOS AIRES-ARGENTINA, 1984
12. ROJAS-BERMÚDEZ, J. G. – INTRODUÇÃO AO PSICODRAMA ED. MESTRE JOU, S.P. , 1970